

**UMA EXPEDIÇÃO AO PANTANAL E OS REGISTROS POÉTICOS  
E CIENTÍFICOS DE GUIMARÃES ROSA E HILGARD  
STERNBERG:  
RASTROS, PRESENÇA, AMBIÊNCIA E PAISAGEM**

**AN EXPEDITION TO PANTANAL AND THE POETIC AND  
SCIENTIFIC RECORDS OF GUIMARÃES ROSA AND HILGARD  
STERNBERG:  
TRACES, PRESENCE, AMBIENCE AND LANDSCAPE**

Joana Passi de Moraes\*  
passi.joana@gmail.com

O artigo discute metodologias científicas e artísticas, para fins literários e geográficos, adotados pelo escritor João Guimarães Rosa (1908–1967) e pelo geógrafo Hilgard Sternberg (1917–2011) durante uma expedição na qual ambos participaram, rumo ao Pantanal, em 1947. A expedição, que teria a finalidade de mapear a área para onde seria realocada a Capital Federal brasileira, está escassamente arquivada e a viagem pouco aparece nas biografias e cronologias do escritor e do geógrafo. Reúno neste artigo um discurso de Rosa realizado na ocasião de sua posse na *Sociedade Brasileira de Geógrafos* (SBG), em 1945, e a “As listas de fatos a observar nos trabalhos geográficos de campo” do professor geógrafo Hilgard Sternberg, de 1946. Abordagens sobre a prática de estudo de campo, sua relação com geografia, poesia e paisagem, presentes nos documentos, serão confrontadas com ideias de ambiência, a partir da compreensão de *Stimmung* (ambiência em alemão) de Hans Ulrich Gumbrecht e com a compreensão de rastro e presença de Martin Seel. Os registros decorrentes das práticas de campo, presentes em cadernetas e esboços, serão aproximados da ideia de “palavra encarnada” – uma espécie de escrita permeada de rastro, através da qual podemos vislumbrar corpos, gestos, ambiências e paisagens que surgem de situações de deslocamento e viagem.

**Palavras-chave:** João Guimarães Rosa. Hilgard Sternberg. Paisagem. Rastros. Ambiência. Expedição científica. Expedição artística.

The article discusses scientific and artistic methodologies, for literary and geographical purposes, adopted by the writer João Guimarães Rosa (1908–1967) and the geographer Hilgard Sternberg (1917–2011) during an expedition in which both took part, roading the Pantanal, in 1947. The expedition, which had the purpose of mapping the area where the Brazilian Capital District would be relocated to, is scarcely archived and hardly appears in the biographies and chronologies of the

---

\* Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Centro de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0965-9306>

writer and the geographer. In this study, I gather a speech by João Guimarães Rosa made at the time of his filiation to the *Brazilian Society of Geographers* (SBG), in 1945, and the “Lists of facts to be observed in geographic field works” by professor geographer Hilgard Sternberg, from 1946. Approaches on the practice of field study, its relationship with geography, poetry and landscape, present in the documents, will be confronted with ideas of ambience, from the understanding of *Stimmung* (ambience in German) by Hans Ulrich Gumbrecht and from the understanding of trace and presence by Martin Seel. Records resulting from field practices, present in notebooks and sketches, will be related to the idea of “incarnated words” – a kind of writing permeated by traces, through which we can glimpse at bodies, gestures, ambiences and landscapes that arise from situations of displacement and travel.

**Keywords:** João Guimaraes Rosa. Hilgard Sternberg. Landscape. Traces. Ambience. Scientific expedition. Artistic expedition.

•

*Se verdadeira, bela é a história, se imaginada, ainda mais.*  
João Guimarães Rosa

## 1. Introdução

Em junho de 1947, um grupo liderado por Hilgard O’Reilly Sternberg (1917–2011), professor da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, rumou a Mato Grosso. A “Expedição ao Pantanal”, como é lembrada por seus participantes, foi composta por um grupo de estudantes da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil imbuídos de coletar dados científicos sobre a região e produzir relatórios: Sol Garson e Sulamita Castro formavam a dupla responsável pela geografia humana; Baszka Borestein e Euclides Gomes se concentraram na geografia física. Auxiliaram o professor Sternberg na coordenação da expedição sua então secretária, a professora Maria da Conceição Vicente de Carvalho, e a bolsista americana Charlotte.<sup>1</sup> Este grupo guarda uma curiosa particularidade: outra equipa, liderada por um representante do Instituto Rio Branco – o escritor João Guimarães Rosa<sup>2</sup> (1908–1967), se agregou aos técnicos e estudantes da Universidade do Brasil. O escritor e diplomata viajou acompanhado dos estudantes Raul de Sá Barbosa e Nestor dos Santos Lima.

O contexto geral no qual decorre a Expedição ao Pantanal é o Brasil na iminência de realizar o projeto de realocação de sua capital federal da cidade costeira do Rio de Janeiro para o Centro Oeste brasileiro, logo após o fim do mandato presidencial de Getúlio Vargas, pós-Segunda Guerra Mundial. A viagem tinha o propósito de levantar dados geográficos sobre a região à margem de onde seria realocada a capital federal,

<sup>1</sup> Ainda não foram encontrados registros oficiais que citem o nome completo da bolsista americana. O dado de sua participação foi coletado a partir do relato de Sulamita Castro (2017). Identificamos, também, documentos referentes à Charlotte no arquivo doméstico de Sol Garson: uma carta e anotações de seu nome em cadernetas de viagem e fotografias (1947).

<sup>2</sup> A bibliografia catalogada no Banco de Dados Bibliográfico “João Guimarães Rosa”, do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/USP, que aborda a viagem ao Pantanal é escassa e aponta para um número superior de estudos sobre as viagens de Rosa ao sertão mineiro e baiano; sua infância em Cordisburgo, Minas Gerais; e seus deslocamentos no exterior: Bogotá, Alemanha e Paris.

abrangendo a região do Pantanal Mato-grossense e a fronteira com a Bolívia e o Paraguai. Participando de esforços do governo federal para mapear a região e seus recursos físicos e humanos (recursos hídricos e do solo, características demográficas, e as formas de ocupação urbana e agrícola), o grupo de estudantes da Universidade do Brasil partiu para o trabalho de campo, com a orientação do professor-geógrafo Sternberg. A viagem fora organizada institucionalmente como uma das muitas práticas de campo realizadas pelos estudantes da Universidade do Brasil. Além dela, outras expedições foram realizadas com a mesma finalidade – entre as quais, destaca-se a Expedição Ruellan, liderada por Francis Ruellan (1894–1975), também professor de Geografia na Universidade do Brasil, com um grupo “multidisciplinar, envolvendo dezenas de pessoas, incluindo 40 cientistas (...) a fim de propor sítios específicos” para a construção da nova capital (Senra 2010, p. 190).<sup>3</sup>

Registros e documentos sobre a “Expedição ao Pantanal” são escassos quando procuramos referências em arquivos públicos e privados, em particular nos Arquivos de Rosa e Sternberg. A viagem pouco aparece em quaisquer publicações recentes e passadas sobre as pesquisas de campo realizadas por cientistas e acadêmicos para a realocação da capital federal. O artigo contempla dados e documentos que explicitam a relação de Rosa com a geografia, seus métodos de pesquisa de campo e escrita; e inclui os registros do professor Sternberg imediatamente anteriores à viagem que se referem aos métodos de trabalho de campo. Conto, também, com as recordações de Sulamita e seu acervo particular, tanto quanto os documentos conservados por Sol sobre a viagem. O foco do artigo privilegiou os escritos produzidos anteriormente e durante a viagem, de modo a contribuir para uma reflexão a respeito dos métodos que orientaram a experiência dos viajantes. Interessa ao pesquisador de hoje, conhecer os fundamentos das observações feitas diante de cenários desconhecidos.

O grupo de viajantes da “Expedição ao Pantanal” gerou um material repleto de referências sobre os locais visitados. É possível verificar registros que provêm dos instrumentos metodológicos da prática de campo da geografia moderna, como teorizados e apresentados pelo professor Sternberg. A prática do professor baseava-se no registro imediato das primeiras percepções possíveis de serem registradas no encontro do corpo do cientista com seu campo de estudo – registros estes que deveriam ocorrer anteriormente ao uso dos instrumentos geográficos. Assim, os cientistas atentavam de imediato para tudo que se via, ouvia e percebia, ou seja, um panorama de tudo que era possível de ser capturado sensivelmente deveria ser anotado. Fazem parte do espectro do ambiente a ser capturado pelos viajantes as características formais da paisagem, os sons de animais, as palavras proferidas pela população local, detalhes das construções urbanas e rurais, entre outros elementos concretos que confrontam os corpos de quem se desloca em situação de expedição. Tais registros, característicos dessa prática de campo, podem ser encontrados

---

<sup>3</sup> A “Expedição Ruellan” foi cunhada como a expedição científica oficial para a empreitada rumo ao Centro Oeste e construção de Brasília. A expedição organizada pelo grupo de Ruellan rumou para Minas Gerais e Goiás a fim de levantar dados sobre as características geográficas da região.

nos escritos de Rosa<sup>4</sup>, nos cadernos de campo dos viajantes e no relatório produzido por Sol e Sulamita.<sup>5</sup>

Diante do material que constitui o Arquivo da “Expedição ao Pantanal”, reconhecendo as particularidades de um acervo que se manteve, em grande parte, guardado em esfera doméstica, com valor histórico e afetivo reconhecido pelas pessoas que contavam e guardavam essa história, teço neste artigo uma linha especulativa sobre os métodos e registros que nos dão subsídios para vislumbrar paisagens e narrativas de outrora.

## 2. A expedição e seu horizonte de observação

*Não é possível passar uma régua no Pantanal*  
Manoel de Barros

Os dados levantados em pesquisa de campo na “Expedição ao Pantanal” serviram, posteriormente, para reflexões científicas, elaborações de relatórios pelos pesquisadores, e para a composição de um panorama sobre a região. Além de seu propósito inicial, os levantamentos geraram, e ainda podem gerar, reflexões de diversas naturezas, circulando tanto nas esferas artísticas, quanto nas científicas. Os métodos de pesquisa de campo empregados pelo grupo, as ferramentas e instrumentos de geógrafo utilizados nas viagens, as circunstâncias e a atmosfera dos locais visitados, fazem parte do espectro que compõe a paisagem da expedição. Busco identificar como as metodologias científicas, em confluência com as esferas íntimas e afetivas, podem gerar composições específicas sobre os lugares visitados pelo grupo. Desta forma, aponto para elementos que explicitam como os saberes científicos e artísticos se complementam para a formulação do conhecimento geográfico e para a composição de paisagens e narrativas.

A relação entre pesquisador, ferramenta e objeto de estudo – o fundamento do trabalho de campo –, como fora empenhada pelo grupo de pesquisadores, seguiu a sistemática elaborada por Sternberg, que, junto ao professor Ruellan, fundamentava as práticas de ensino e pesquisa da Universidade do Brasil. Em seu artigo “As listas de fatos

<sup>4</sup> Até o momento, não foram identificados no acervo do Hilgard Sternberg, preservado no Instituto Tecnológico Vale (ITV), assim como no arquivo guardado em âmbito privado, registros produzidos durante a expedição ao Pantanal de 1947 ou publicados posteriormente. No acervo do João Guimarães Rosa, presente no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, encontram-se os seguintes registros referentes à expedição, publicados posteriormente: “Sanga Puytã” (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17.08.1947), “Cipango” (*Folha da Manhã*, São Paulo, 17.02.1952), “Ao Pantanal” (*Diário de Minas*, Belo Horizonte, 05.04.1953), “Uns índios – sua fala” (*Letras e artes*, Rio de Janeiro, 25.05.1954). Ainda em 1947, Rosa publica a primeira das três partes da reportagem “Com o vaqueiro Mariano” no *Correio da Manhã* [“Com o vaqueiro Mariano” (Parte 1), *Correio da Manhã*, n. 16.252, 26 out. 1947 p. 1-3; “Com o vaqueiro Mariano” (Parte 2), *Correio da Manhã*, n. 16.350, 22 fev. 1948, p. 1-3; “Com o vaqueiro Mariano” (Parte 3), *Correio da Manhã*, 7 mar. 1948 p. 1-3], posteriormente publicada na íntegra sob o título “Entremeio: com o vaqueiro Mariano”. Rosa publica, também, em 1961, na Revista *Senhor* (n. 3, Rio de Janeiro, março, 1961), a novela “Meu tio Iauaretê”, que, como informa Ana Luiza Costa (2006), biografada do autor, aproveita trechos de conversas como os caçadores de onça no Pantanal.

<sup>5</sup> Os acervos de Sol Garson e de Sulamita de Farias Brito encontram-se na posse da autora. Os documentos referentes à “Expedição ao Pantanal” consistem em correspondências, cadernos de anotações de viagem, rascunho de relatório técnico, fotografias e anotações de lembranças. Além dos documentos, um depoimento de Sulamita foi gravado em formato audiovisual, a partir de conversas com a autora ocorridas entre 2016 e 2017.

a observar nos trabalhos geográficos de campo” (1946), Sternberg ordena minuciosamente as bases do trabalho de investigação geográfica. Considerando que a data de sua publicação é anterior à data da viagem e que o grupo de estudantes frequentava suas aulas, podemos deduzir que os fundamentos expostos no artigo foram analisados e empregados nas práticas de pesquisa da Expedição ao Pantanal.

O artigo se inicia apontando para as principais práticas do trabalho de campo: “Embora constitua uma simplificação, pode-se dizer que a essência do autêntico trabalho geográfico consiste em (1) observar, (2) registrar (e, implicitamente, localizar), (3). descrever e delimitar e (4) correlacionar e explicar os elementos constituintes da paisagem” (Sternberg 1946, p. 456). Seguindo com sua elaboração, o professor-geógrafo expõe esquemáticas para a análise do solo e das rochas, e ressalta que os aspectos culturais, assim como os físicos, devem ser tratados com mais detalhes, pois “se prestam a sucessivos desdobramentos” (*ibidem*), sofrendo influência de circunstâncias humanas, assim como do transporte que influi no planejamento do trabalho de campo, “pois o horizonte de observações varia segundo o tipo de meio utilizado, sendo que os fatos observáveis apresentam diversidades regionais e variam de acordo com o modo pelo qual o observador se desloca” (*ibidem*). O fator humano, cultural e o meio de transporte ocupam uma dimensão considerável, segundo Sternberg, como variantes que influenciam o resultado, a observação e a análise do objeto de estudo, logo, influenciam, também, a composição de paisagens.

Junto às variantes, físicas, técnicas e humanas, proponho considerar a dimensão atmosférica, as sensações e as circunstâncias como um fator que influi no “horizonte de observação” (*ibidem*). Podemos destacar, então, os registros dos geógrafos resultantes do emprego de seus métodos e de suas ferramentas, para confrontá-los com sensações que resultam do encontro de seus corpos com o ambiente que os circundam, ou seja, colocar em relação os registros *duros*, da ordem do escrutínio científico, com os registros *moles*, da ordem da poesia e do afeto. Variações de temperatura, odores, lembranças, histórias particulares e suas conjunturas, participam dessa paisagem e vão além dos corpos de quem observa e de suas ferramentas – constituem e expõem outros corpos que também compõem, mesmo ausentes, paisagem e horizonte.

Um exemplo da relação entre o corpo e seus afetos, horizonte e paisagem, é uma carta de Sol com detalhes sobre o sentimento de integração com a natureza, os pássaros, o crepúsculo, a música *Solamente una vez* tocada por um colega, o choro e a insegurança de ser esquecida por seu noivo. Também se destaca a lembrança de Sulamita sobre os *banquetes* que eram oferecidos ao grupo, pois eram recebidos pelos proprietários fazendeiros com a pompa de recepção oficial, já que havia um diplomata no grupo e a expedição partia da capital:

Se você quiser saber sobre os lugares por onde passei, pergunte à mamãe, que recebeu um relatório completo. Não o faço para você, porque seria refletir apenas fatos, quando meus sentimentos querem brotar vivos e lindos para bem perto de sua pessoa.

Na terça-feira partimos rumo a Corumbá. Não deixe de passar um telegrama aos cuidados do Prefeito (...)

A região é nova e cheia de empresas. Encontramos vestígios de movimentos e fatos geográficos, que serão esclarecidos para o futuro, em parte graças à nossa contribuição (...).

Desculpe tanto lirismo, querido. Esta terra é um paraíso, com pássaros, emas, jacarés (só vi um) cobras (matamos só uma) e paisagens maravilhosas.

Minha vista está ofuscada de tanta beleza. Isto é o máximo que se poderia exigir da natureza. Falta você, querido, muito, muito...Ame-me para sempre, sim?  
Até breve, Leon Passi... (Garson 1947)

As paisagens capturadas durante uma expedição constituem-se por uma miríade de elementos materiais: meios de transporte, ferramentas, hospedagens, alimentação; por elementos afetivos: as relações entre os membros do grupo, seus propósitos, funções, expectativas e histórias particulares; por caminhos percorridos por corpos de outros, como os dos viajantes e das populações locais. Tais materialidades e circunstâncias, espécies de indícios de ambiência, fazem parte das nuances da observação de um horizonte e das paisagens que dele podem ser geradas.

### 3. Poesia e geografia

As ferramentas dos geógrafos aliadas aos métodos do estudo de campo e à sensibilidade poética, compõem o que Rosa considera elementar para perceber e capturar um momento, conhecer, amar, e falar sobre a terra, sobre o Brasil: “para mais amar e servir o Brasil, mister se faz conhecê-lo: já que, mesmo para o embevecimento do puro contemplativo, pouco a pouco se impõe a necessidade de uma disciplina científica” (Rosa 1945, p. 96). Em 1945, dois anos antes da viagem com o grupo de estudantes da Universidade do Brasil, Rosa tornara-se membro da Sociedade Brasileira de Geografia e na ocasião de posse discursou sobre a relevância dos métodos de geógrafos aliados à sensibilidade dos poetas.

Unir a poesia e a ciência, de acordo com Rosa, confere aos artistas e geógrafos a possibilidade de valorizar a “estesia paisagística” para além dos limites restritivos do presente imediato e da pura contemplação. O conhecimento geográfico impede, por um lado, o “escapar” da “majestosa magia dos movimentos milenários” dos vales, dos rios, dos relevos e tudo mais que representa numa “câmera lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos” (Rosa 1945, p. 96). Enquanto o olhar disposto à poesia contém a particularidade da “capacidade receptiva para a beleza” (*ibidem*).

Os métodos científicos, incorporados aos métodos artísticos e aos afetos particulares dos viajantes, conduzem a produção de registros que fazem parte do horizonte de observação da paisagem da “Expedição ao Pantanal”. Pesquisadores incumbidos de geografar a paisagem (que resultou no relatório técnico dos estudantes), o poeta-geógrafo e suas anotações desinteressadas (de interesse artístico), a escrita íntima de Sol e as lembranças de Sulamita são espécies de registros que edificam relações específicas entre paisagens e os corpos que as capturam, escrutinam, desenham, classificam, narram – que as invocam, apresentam e nelas se perdem.

Considerando as relações instituídas entre corpo e espaço, expostas nos textos de Rosa e Hilgard, sistematizadas enquanto método científico e artístico para composição de paisagens, podemos esboçar os seguintes pressupostos:

- I. imagens de paisagens resultam da relação de corpos com a atmosfera que os confronta;
- II. paisagens são imagens construídas, destacadas do ambiente, que existem a partir de corpos;
- III. paisagens encenam relações entre corpos antepassados e atuais (Cauquelin 2007);
- IV. paisagens transitam entre o sentido de *geolocalização*, assegurando as relações imediatas entre corpo e espaço, e o sentido vertiginoso que decorre de uma inundação do espaço no corpo e do corpo no espaço;
- V. corpos e paisagens encontram-se em simbiose.

A relação entre paisagem, ciência e poesia exposta por Rosa em seu discurso revela uma escrita permeada por minuciosas descrições do que imediatamente salta aos seus sentidos. Tais descrições aparecem imbricadas às nomenclaturas geográficas e aos afetos que pautam sua percepção: “de início, o amor por geografia me veio pelos caminhos da poesia – da imensa emoção poética que sobe da nossa terra e das suas belezas (...)” (Rosa 1945, p. 96). Rosa compõe, assim, uma imagem panorâmica que conjuga corpo, ambiente e lugar:

O alargamento progressivo dos vales, e a suavização dos relevos; o rejuvenescimento dos rios, que se aprofundam; na quadra das cheias, o enganoso fluir dos falsos-braços, que são abandonados meandros; a rapina voraz e fatal dos rios que capturam outros rios, de outras bacias; o minucioso registro dos ciclos de erosão, gravados nas escarpas; as estradas dos ventos, pelos vales, se esgueirando nas gargantas das serranias; os pseudópodos da caatinga, invadindo, pouco a pouco, os ‘campos gerais’, onde se destrói o arenito e onde vão morrendo, silentes, os buritis; e tudo o mais, enfim, que representa, numa câmara lentíssima, o estremunhar da paisagem, pelos séculos. (*ibidem*)

O escritor aponta para uma dialética que conjuga dois campos do conhecimento – entre formas contemplativas (poética) e o escrutínio científico – e afirma que a percepção é limitada quando restrita aos “caminhos da poesia”, pois deixa escapar a “majestosa magia dos movimentos milenares” (*ibidem*). Para alargar a visão e a compreensão do *cosmos* da terra, faz-se necessária, unida à poesia, o conhecimento técnico e científico: “desarmado da luz reveladora dos conhecimentos geográficos, e provido tão só da sua capacidade receptiva para a beleza, o artista vê a natureza aprisionada no campo punctiforme do presente. Falta-lhe saber a grande vida, envolvente, do conjunto” (*ibidem*).

A dualidade e a hierarquia entre diferentes campos de saber são questionadas, uma vez que Rosa afirma ser preciso conjugar afeto, poesia e ciência para apreender os movimentos da terra, da natureza e da vida (*ibidem*). Para além de suas reflexões sobre ciência e arte, em sua escrita narrativa, Rosa compõe com um amplo espectro de palavras que transitam em diferentes esferas do conhecimento. Com textos atravessados de descrições sobre paisagens, o autor apresenta uma variedade de elementos e referências que provêm de suas experiências diretas com pessoas e lugares e de seu empenho intelectual. Termos científicos, nomes de plantas e bichos, expressões regionalmente

típicas, revelam o minucioso inventário que Rosa guardava para narrar – através da escrita do poeta, da voz local e sob a ótica da especificidade científica – um espectro do Brasil.<sup>6</sup>

Lápis e cadernos são instrumentos considerados imprescindíveis pelo escritor para serem utilizados em suas viagens de campo, para, com eles, anotar tudo que se vê e ouve (Rosa 1967). Ao retornar à sua cidade natal, para – “rever velhos poemas naturais da minha terra mineira” (*ibidem*) – o autor levou, também, em sua bagagem, instrumentos de geógrafo e seu olhar de poeta para, então, compor um panorama de impressões e imagens:

Certo, eu já pensava conhecer, desde a infância, os feéricos encantos da Gruta e as suas deslumbrantes redondezas (...). Mas, era que, desta vez, eu trazia comigo um instrumento precioso – bússola, guia, roteiro, óculo de ampliação (...) deu-se a valorização da estesia paisagística, graças às lições da ciência e da erudição. Prestígio da Geografia! (*ibidem*)

#### 4. Anotações: palavras encarnadas e grafias urgentes

*Quando se está escrevendo tudo é um imã.  
As palavras se atraem e os assuntos também.*

João Guimarães Rosa, 1967

A anotação, como aparece no artigo que lista os fundamentos do trabalho de campo de Sternberg, é a prática utilizada pelos pesquisadores para o registro urgente de impressões imediatas do ambiente que os circunda. Os registros presentes em cadernos de campo, gerados em expedições, compõem um material documental submerso em rastros e gestos. Folhas soltas com notas e rabiscos, cadernos, diários, blocos de anotações, apresentam posteriormente a quem os lê – seja a autora ou autor das anotações, seja pesquisadores que se aventura em arquivos – um material fértil para reflexões, especulações e para a imaginação.

Os cadernos de anotações, os rascunhos de reportagens e relatórios, e as cartas encontradas nos arquivos dos viajantes – marcados por uma escrita fragmentária, pelo esboço e pela grafia urgente da captura de uma ideia, de um pensamento, de uma imagem, de um acontecimento passageiro ou de uma sensação – formam os elementos sobre os quais nos debruçamos para encontrar indícios do ambiente e da paisagem registrados e avistadas pelos viajantes.

As anotações encontradas nos arquivos da expedição surgiram subordinadas a algo a ser trabalhado futuramente, como peças de um todo incipiente (um relatório, um artigo, um estudo). Quando deslocados para especulações artísticas, para serem abordados como gestos e rastros, os registros fazem surgir uma pluralidade de outros fins. Vozes, corpos e instantes que ficaram marcados nos cadernos se abrem a outras interlocuções, narrativas e imagens, consoantes ou dissonantes de seu propósito ou de sua finalidade inicial.

<sup>6</sup> O arquivo de “João Guimarães Rosa”, guardado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) guarda listas manuscritas; recortes de jornais e revistas; anotações em cadernos; correspondências com seu pai, que compõem um inventário de termos e expressões tipicamente brasileiras reunidas pelo escritor.

A investigação a partir de reminiscências e rastros – uma espécie de expedição por caminhos do pensamento e da imaginação – se distancia do registro científico, onde a objetividade é baliza metodológica para a pesquisa. Diferencia-se, também, do método artístico como descrito por Rosa, sobre o qual ele ressalta a importância de estar no momento: “É o momento. Um passarinho faz um movimento – eu capto o movimento. Na hora, e escrevo o que vejo. Mas só naquele momento eu poderia registrá-lo. (...)” (Rosa 1967). Para *capturar um momento*, a anotação se apresenta como uma ferramenta oportuna para um registro instantâneo, que requer presença e imediatez, pois “cair em pensamento é voltar-se a reminiscências, e isso fatalmente é o fim. A coisa tem de ser capturada viva, na hora. (...) Elas correspondem a uma verdade que realmente aconteceu” (*ibidem*).

Capturar um instante passado requer vislumbrar: borrar as fronteiras entre imaginação e *o que realmente aconteceu*, sem deixar de registrar, incessantemente e objetivamente, tudo que se vê, ouve e sente, reservando um espaço para tudo que surge repentinamente; como que atraído por um ímã. O contacto com os documentos e rastros da “Expedição ao Pantanal”, com o olhar voltado para suas materialidades, ambiências e horizontes neles esboçados, possibilita a apreensão de diferentes paisagens, vozes, lugares e corpos.

## 5. Rastro, atmosfera e presença

Documentos, fragmentos, arquivos e reminiscências servem como espécies geolocalizadores do passado que criam marcos de memória. Os rastros da “Expedição ao Pantanal”, os ecos das lembranças narradas por Sulamita, as escritas de Sol e a narrativas e Rosa apontam para um norte que podemos seguir a fim de encontrar fragmentos que fazem brotar um Brasil do passado, suas paisagens e seus territórios por vir. O conceito de rastro pode ser compreendido, para tal fim, através do seguinte pressuposto: rastros são restos de algo que já passou, parte de algo que não se mostra todo. Pertencem a um tempo e a um espaço outro que não o atual, mas trazem para o *agora* um tempo e espaço múltiplo. Conectam, portanto, o passado com o presente e esboçam o que está por vir.

Rastros podem ser mudanças de estado, aquilo que permanece de passagens. Podem ser um índice – não um índice de signo rígido, mas um índice de um vazio. Preencher esse vazio é, então, manifestar imaginação: é o ato de se colocar em algo externo e aberto. Rastro é matéria móvel, em equilíbrio instável. Rastro é uma forma de potencializar presença, porque tem o poder de ativar o presente a partir da relação constituída entre tempos e espaços distintos – entre algo que passou e aquilo que está presente, entre um acontecimento e seus vestígios. Cria um presente tensionado entre o que está por vir, o que se passou, o que é latente e o que se mostra. Rastros podem ser identificados com espécies de resíduos: reminiscências de presenças que se atualizam a todo instante.

Há uma dinâmica temporal específica que se materializa quando detemos nossos olhares e imaginações nos rastros de algo. Podemos sentir, cheirar, olhar, tocar e pressentir algo que se passou e, em consequência, materializar uma presença vaga, porém concreta e real, de um passado que não acaba de passar e de um porvir que não cessa de se insinuar. O ato de deparar-se com *algo que passou* – mas deixou rasuras e marcas no

espaço – provoca, pela atividade da imaginação e dos sentidos, uma distensão do tempo do *agora* e uma possibilidade de intercalar diferentes dimensões temporais.

Podemos imaginar e pressentir um porvir e um passado – e apreender um momento atual. Deparamos com formas sugestivas e vagas: imagens que possuem limites e contornos vagos, fronteiras nuançadas, informes, fragmentadas e móveis. São imagens apreendidas em sentidos que traduzem um “estado de apreensão” do ambiente e das coisas do mundo.

Tal percepção é marcada por uma ordem ditada por aquilo que nos toca e afeta sentidos e gostos. Martin Seel (2005) ajuda a entender como percebemos e apreendemos as coisas ao nosso redor – por exemplo, nossos rastros – e setoriza em três dimensões a experiência estética: *mere appearing* (*idem*, p. 91), aparecer simples; *atmospheric appearing* (*idem*, p. 92), aparecer atmosférico e *artistic appearing* (*idem*, p. 95), aparecer artístico. Seel constata que “a situação existencial de um ser humano vai além de sua posição espaço-temporal e se estende para sua história particular, seu entendimento de história coletiva, o futuro colorido por seus planos, suas esperanças e seus temores. Enquanto percebemos esteticamente facetas da vida, olhamos para como é, ou como foi, ou como poderia ter sido existir aqui e agora, ou ter existido em outro lugar e outro tempo.”<sup>7</sup>

Uma história narrada; a palavra falada; ruídos; grunhidos; a ininteligibilidade causada pelos deslocamentos de um som pelo ambiente; o som de bichos, da floresta; o inaudível da fala transformado em palavra; o deslocamento de palavras através de falas de corpos e espaços separados pelo tempo. Através desses elementos orais, encontrados nas escritas de Rosa, de Sol e Sulamita, podemos apreender esteticamente o que se passou na “Expedição ao Pantanal”. Para além da visualidade e da oralidade capturadas em escrita, podemos indagar como um odor guardado nas fotografias, um toque áspero do papel de carta, a marca de um café derramado no bloco de notas, guardam os rastros dos instantes e de corpos de outrora. Por sua vez, o corpo de quem percebe o odor, toca as folhas do papel e imagina o instante em que o café deixou uma marca, vai de encontro àquilo que o *toca e afeta*, à atmosfera. Atmosfera é, portanto, uma “articulação sensível e afetivamente perceptível (e, nesse sentido, existencialmente significativa) de possibilidades de vida realizadas ou não realizadas.”<sup>8</sup> (Seel 2005, p. 92).

As reflexões sobre experiência estética atmosférica, e seus limites entre passado, presente e futuro, baseiam-se na compreensão de temporalidade nomeada por Gumbrecht de “cultura de presença” (Gumbrecht 2010, p. 22). Em sua concepção, a cultura voltada para a presença diferencia-se de “cultura de sentido” (*ibidem*), pois ambas culturas pertencem a epistemologias do conhecimento diferentes e suscitam experiências

<sup>7</sup> Trecho adaptado e traduzido pela autora: “The life situation of human beings goes beyond their spatiotemporal location: into the past of their history up to now (and of this history's embeddedness in general history), into a future colored by their intentions, hopes and fears. Facets of this life situation become perceptible to corresponsive aesthetic consciousness. While perceiving, we look into how it is, or how it was, or how it could be to exist here and now, or to have existed there and then. With an alert sense of atmospheric appearing, we perceive our particular concrete, sensuously discoverable situation as a temporary form of our life.” (Seel 2005, p. 94)

<sup>8</sup> Trecho traduzido pela autora: Atmosphere is a sensuously and affectionally perceptible (and, in this respect, existentially significant) articulation of realized or nonrealized life possibilities.” (Seel 2005, p. 92)

estéticas particulares. A cultura de presença permite uma temporalidade específica em que não há uma linearidade contínua na sucessão de tempos distintos – um passado que inscreve um presente que é mera passagem para um futuro. Tal cultura abre espaço para um presente em que é possível experimentar as coisas do mundo sem passar pela racionalidade ou por uma busca de sentido. Não temos mais certezas rígidas, assumimos a dubiedade de todas as coisas e reescrevemos o passado pelo presente. Nesta cultura, podemos conceber experiências centradas no corpo, na atmosfera e nos afetos, mais do que nos sentidos. Ou seja: o conhecimento das “coisas do mundo” é desvelado por eventos de “autorrevelação do mundo” – e não mediado pelo conceito e pela interpretação (Gumbrecht 2010, pp. 105–117).

A partir dos pressupostos e conceitos sobre rastros, presença e ambiência, admitimos o acesso a um tempo surpreendente, desconhecido e mágico. Através de tal percepção de tempo, podemos esboçar temporalidades diversas: estabelecer conexões entre o que passou, o que se mostra como presente e o que está por vir – conectar o que se encontra entre um tempo conhecido e um tempo desconhecido e nunca vivido. Podemos perceber uma dimensão da imagem que se revela, desvela e concebe múltiplas outras imagens que envolvem sentidos e afetos.

## 6. Ambiência

Há um espaço e tempo a ser materializado por quem conta e por quem escuta, por quem lê e por quem escreve com os sentidos voltados para a ambiência. “Ler com a atenção voltada ao *Stimmung*<sup>9</sup> significa prestar atenção à dimensão textual dos temas que nos envolvem, que envolvem nossos corpos, enquanto realidade física”, assim Gumbrecht (2014, p. 13) exemplifica o sentido de *ambiência*. É pela compreensão de *Stimmung* (ambiência) que abordo os afetos que decorrem do encontro com textos, reminiscências e documentos de outrora a serem atualizados em imagens.

Na abordagem do *Stimmung* de um texto literário, de um acontecimento ou de um documento histórico, rejeita-se a apreensão de um sentido ou de uma realidade extra-textual, porém, admite-se uma infinidade de sentidos, sensações físicas e imaginárias, que surge no instante do encontro do corpo de quem lê com as formas e palavras contidas no texto. Assim, torna-se possível a apreensão de um momento do passado, de uma história, através da ambiência que perdura no tempo e que se materializa por fragmentos, palavras, objetos, odores, sons e texturas.

Atmosfera – clima ou *Stimmung* – é definida por Gumbrecht como algo que pode ser percebido, mas que não se mostra totalmente, não se limita à materialidade do texto – permanece da passagem de um tempo para o outro e prescreve múltiplos sentidos. Atmosferas envolvem algo que não participa do tempo atual e o torna de novo presente. Na experiência atmosférica, há uma estrutura temporal específica que se estabelece e possibilita a existência simultânea de diferentes dimensões temporais. Perceber um clima, um ambiente ou uma atmosfera é como “ser tocado, como que de dentro” (Toni Morrison *apud* Gumbrecht, 2014, p. 13), é prestar atenção nas formas que nos confrontam e

---

<sup>9</sup> Termo no alemão (*Stimmung*) que se traduz para *clima* no português e *mood* em inglês.

envolvem nosso corpo enquanto realidade física. Esta percepção não passa, necessariamente, pela interpretação, por questões de representação ou pela significação conceitual, mas, sim, a identificamos a partir de tempo e ritmo (da ordem de *Kairós* e não de *Krónos*). A partir da ambiência de uma obra, de um texto ou uma imagem, podemos conceber estruturas temporais múltiplas e experimentar suas dimensões poéticas, sensoriais, rítmicas e artísticas. Podemos, assim, perceber e sermos afetados por acontecimentos que prescrevem uma lógica temporal e criam variados sentidos e significados – que, por sua vez, podem ser constantemente reescritos e vivenciados.

Atmosferas contêm, transmitem e articulam uma estrutura temporal própria: se detivermos nossa atenção nos rastros de algo, poderemos, possivelmente, perceber nuances de atmosferas – sentidos e sensações inesperadas e surpreendentes. Poderemos tornar presente um *outro* tempo. Clima, ambiência e *Stimmung* são também definidos como uma sensação e um estado de espírito que não pode ser circunscrito, "são experimentados como um *continuum* (...). Apresentam-se a nós como nuances que *desafiam* nosso poder de discernimento e de descrição, bem como o poder da linguagem para as captar" (Gumbrecht 2005, p. 12). É na escrita permeada de ambiência, na apreensão de instantes de outrora e porvir, que o corpo se liga à palavra, a palavra se liga à alma e a linguagem é inaugural.

A experiência de nos aproximarmos de um texto pelo *Stimmung* explicita a capacidade de um meio (*medium*) se ligar a algo externo e de tocar nossos corpos. Ou seja, materialidades carregam o potencial de “sons e ritmos de palavras serem jogados contra nossos corpos” do mesmo modo que eram foram jogados contra corpos antepassados (Gumbrecht 2005, p. 24) e continuarão sendo – caso persistam na história – jogados contra corpos futuros. Nesta experiência, Gumbrecht identifica a presença material do “texto-imanente do passado” (*ibidem*) e a “objetividade do passado-feito-presente” (*ibidem*): aquilo que nos afeta no ato da leitura envolve o presente do passado em substância – e não um final do passado, nem sua representação. “Um quadro, uma canção, convenções gráficas, uma sinfonia, qualquer uma dessas obras pode absorver atmosferas e ambientes e, posteriormente, devolvê-los para uma experiência em um novo presente” (Gumbrecht 2014, p. 27).

Transitamos em esferas da escrita, palavras, sons, ruídos e rastros que apontam para o aparecimento de outros mundos e imagens em estado constante de surgimento. Quando um instante ou uma paisagem do passado são conservados para perdurarem no tempo, materializados e atravessados pelos sentidos da apuração científica, da poesia e dos afetos, apresenta-se ao pesquisador no presente a possibilidade de convocar vozes, corpos e lugares de outrora. A descrição de um pássaro voando, por exemplo, – seja em imagens, em impressões instantâneas, em palavras inarticuladas ou um esboço raturado –, devolve a quem posteriormente o vislumbra, o nascimento de uma infinidade de outros pássaros.

**Agradecimentos:** a Tamar Azevedo, Sulamita de Farias Brito (*in memoriam*), Ester Garson Passi e Elizabeth Garson Passi de Moraes pela disponibilização dos acervos pessoais de: Sulamita de Farias Brito, Sol Garson Passi e Leon Passi. Marília Rothier e Frederico Coelho pela orientação no desenvolvimento da pesquisa.

## Referências

- Cauquelin, A. (2007). *A Invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Costa, A.L.M. (2006). Veredas de Viator. *Cadernos de Literatura Brasileira* (João Guimarães Rosa), 12(20-21), 10–58.
- Garson, S. (1947). Correspondências entre Sol e Loen, sem data, de Corumbá para o Rio de Janeiro. [Documentos guardados em Arquivo doméstico].
- Gumbrecht, H. U. (2014). *Atmosfera, ambiência e Stimmung: Sobre um potencial oculto da literatura* (A. I. Soares, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC-RIO.
- Gumbrecht, H. U. (2010). *Produção de presença: O que o sentido não consegue transmitir* (A. I. Soares, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio.
- Guimarães Rosa, J. (1945, dezembro 20) Discurso de posse [como Sócio Titular da Sociedade Brasileira de Geografia]. *Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, 1946, 96–97*.
- Guimarães Rosa, J. (1967, dezembro 23). *Guimarães Rosa fala aos jovens* (Reportagem de Vander de Castro). *O Cruzeiro*. [Documento em fotocópia, preservado no Arquivo de Sol Garson, Rio de Janeiro].
- Seel, M. (2005). *Aesthetics of appearing* (J. Farrell, Trad.). California: Stanford University Press.
- Senra, N. C. (Org.). (2010). *Veredas de Brasília: As expedições geográficas em busca de um sonho*. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações.
- Sternberg, H. R. (1946). As Listas de fatos a observar nos trabalhos geográficos de campo. (Contribuição ao ensino). *Boletim Geográfico, IV(40)*. 456–465. Consultado em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg\\_1946\\_v4\\_n40\\_jul.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/19/bg_1946_v4_n40_jul.pdf)

[recebido em 28 de fevereiro de 2021 e aceite para publicação em 16 de janeiro de 2022]